

## HACKERISMO E A SOCIEDADE DE CONTROLE: EDUCAÇÃO PARA POSSIBILITAR ROTAS DE FUGA

Karlan Ricomini Alves<sup>2</sup>, UNISAL<sup>1</sup>, karlan.ricomini@gmail.com

Dra. Norma Silvia Trindade de Lima<sup>3</sup>, UNISAL<sup>1</sup>, normalima.unisal@gmail.com

**Eixo Temático: Projetos Sociais e Direitos Humanos**

<sup>1</sup>Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Mestrado em Educação Sociocomunitária), SP.; <sup>2</sup>Discente; <sup>3</sup>Orientadora.

### RESUMO

O objetivo central deste trabalho é fazer uma discussão acerca da Sociedade de Controle e o Hackerismo, tendo em vista a perspectiva de criação de uma rota de fuga do domínio imposto pela sociedade de controle. Nesse sentido, traz a cena o projeto social Jovem Hacker – Edição Capivari, que tem o cunho social ao levar a comunidade escolar do IFSP – *Campus* Capivari para a comunidade envolvida, sendo uma intervenção educacional sociocomunitária. Utiliza-se como metodologia o estudo bibliográfico com o objetivo de reunir informações para promover questionamentos com os jovens do projeto e possibilitar a criação de rotas de fuga do controle que se faz presente no ciberespaço e na sociedade como um todo. Conclui-se que a filosofia *hacker* pode ser utilizada para enfrentar este domínio, pois colabora com a concepção educacional sociocomunitária, na medida em que ambas pautam-se no princípio de emancipação humana, e mais, pode ser utilizada para emancipar tal juventude.

**Palavras-chave:** Hackerismo, Sociedade de Controle, Educação Sociocomunitária.

## INTRODUÇÃO

O trabalho de um artista se assemelha a de um hacker, pois busca a perfeição. O artista demonstra em seu trabalho um significado que gera um valor, que pode ser capitalista ou não. O *hacker* que iremos desenvolver neste trabalho é diretamente ligado ao trabalho artístico e deve ser visto e reconhecido como tal, além de fugir do domínio do capital. Cabe destacar que esta pesquisa é de cunho bibliográfico que, segundo Raupp e Beuren (2003), é utilizada para reunir conhecimento sobre determinado assunto utilizando livros, publicações, revistas, dentre outros. Assim este conjunto de publicações isoladas são reunidas, com o objetivo de permitir uma nova leitura sobre o assunto.

Nesse sentido, as duas principais discussões deste texto serão: Sociedade de Controle apresentada por Deleuze (1992) e A Ética Hacker apresentada por Himanen (2001). O controle utiliza o ciberespaço e as tecnologias para aumentar o seu domínio e sua abrangência, sendo que o controle no mundo virtual vai além do controle no mundo físico, por isto se justifica este trabalho em torno destes temas. Buscar conhecimento a partir desse aporte teórico, para problematizar com os jovens e possibilitar uma rota de fuga do controle que se enraíza no espaço virtual. Para isto utilizar-se-á o Projeto Jovem Hacker – Edição Capivari, descrito a seguir, para contextualizar o trabalho.

O Projeto Jovem Hacker é uma iniciativa do Núcleo de Informática aplicada à Educação (NIED) da Unicamp em parceria com o Revoada, este sendo uma iniciativa não formal que apoia projetos sobre a cultura digital (JOVEMHACKER, 2015). Cabe destacar que ambos tem como objetivo propiciar à presente geração uma formação tecnológica voltada à autonomia, pois é necessário preparar os jovens para a sociedade que cada vez mais faz uso destes recursos.

Assim sendo, em sua essência o projeto Jovem Hacker buscar compartilhar e construir conhecimento em diversas áreas como: cultura digital, software livre, trabalho colaborativo, dentre outros. Vale ressaltar que a finalidade do projeto não é formar exímios programadores, mas despertar a curiosidade e o protagonismo destes jovens, de modo a possibilitar que os participantes possam se tornar *tinkers*, ou seja, curiosos, “fuçadores” de determinado conhecimento

(JOVEMHACKER, 2015).

Dessa maneira, nesta intervenção tem-se como norteador educacional a concepção educacional sociocomunitária que é elucidada, como:

Educação Sociocomunitária está estreitamente articulada à investigação dos processos de construção da autonomia social entendida como o processo em que se relacionam os âmbitos econômico, social e cultural e por meio do qual sujeitos históricos se associam e vão produzindo sua identidade como agentes das práticas que lhes dizem respeito na vida cotidiana, tendo como característica principal a capacidade de administrar suas vidas com independência e criticidade (UNISAL, 2015, n.p.).

Importante afirmar que tal projeto não tem o rigor de seguir uma metodologia de ensino, contudo tem-se como ideal a participação de todos os envolvidos, alunos, bolsistas e docentes, proporcionando um aprendizado participativo e dialogado. Assim, o projeto visa proporcionar ao educando uma formação emancipadora, pautada na busca de conhecimento sustentado pela reflexão.

## **SOCIEDADE DE CONTROLE**

A Sociedade de Controle apresentada por Deleuze (1992) discorre a respeito tratando-a como um novo regime de dominação. Vale ressaltar que esta dominação não ocorre de forma imperativa, imposto, e sim de forma sutil e despercebida, pois utiliza de novas ferramentas para impor seu domínio, seu controle. Ferramentas, como: capitalismo, internet; marketing, tecnologias computacionais, dentre outros, para produzir uma onda vibracional, uma modulação, que controla não mais o indivíduo e sim uma massa de indivíduos que entram na sintonia desta onda.

A sintonia produzida pela modulação é a força atrativa que consegue formar opiniões e desejos, que mais tarde pode transformar em consumo e ações partidárias de determinado conceito, ou em casos extremos numa postura distorcida da realidade e totalmente manipulada (COSTA, 2004). Guatarri (apud CAMARGO, 2014) em sua obra trata este acontecimento como captura da subjetividade que é possível devido as máquinas tecnológicas, que em um pequeno intervalo de tempo consegue processar grande quantidade de informações com a finalidade de produzir conhecimento para construir mecanismos de capturas.

Deleuze (1992, p. 223) esclarece sobre o que deseja a sociedade de controle, que quer vender serviços e comprar ações, “já não é um capitalismo dirigido para a

produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado”. Diante disto as empresas utilizam a ferramenta marketing para alcançar o público, utilizando de mecanismo de convencimento para tornar o seu produto aceito pelo grande público. Um caso deste poder é sobre as sandálias Havaianas que era vista como “atestado de pobreza” e conseguiu através do marketing reposicionar sua marca no mercado, se tornando artigo de luxo em esfera mundial (BLECHER, 2006).

Quanto mais a empresa cria e inova suas ações no mercado, mais o seu marketing é utilizado para controle social (DELEUZE, 1992). Assim, o que faz um indivíduo comprar um equipamento eletrônico três vezes mais caro que um compatível no mercado é a marca, pois no pós-fordismo a produção é superada pelo “convencimento”, produzido pelo marqueteiro. Enquanto no fordismo o capital estava na matéria, o capitalismo moderno deixa o capital na imatéria, ligando este valor a “potência da afetividade” (BARBALHO; CASARINI, 2007). Rolnik (2004), contribui ao dizer que ter um nome, ou uma marca - ligado a arte - cria *glamour*, com a finalidade de gerar competitividade, pois os novos mercados atacam diretamente a subjetividade, produzindo um consumismo desnecessário.

Nesse sentido, acredita-se que para combater tal domínio primeiro deve-se conhecer suas ferramentas e como são utilizadas, passando pela reflexão das atitudes tomadas e do quanto essa atitude é influenciada por estes mecanismos, que ataca diretamente a nossa subjetividade. Assim, protege-se os nossos desejos, dos desejos que nos são impostos ou vendidos pela sociedade de controle.

### **HACKER: UMA PALAVRA DICOTÔMICA.**

Esta dicotomia envolvendo a palavra hacker, entre o bem e o mal, é devido ao mau uso da palavra, em si *hacker* está ligado a uma postura voltada para o bem (GACHARNÁ, 2011). Já os indivíduos intitulados crackers tem como objetivo a quebra de determinado sistema, ato criminoso, que podem ser: de segurança, códigos proprietários, dentre outros, que utilizam sua inteligência somente em benefício próprio e não envolve qualquer tipo de cooperação e partilha, enquanto os hackers utilizam sua inteligência e seu tempo para a construção de conhecimentos a serem partilhados, em seu oposto os *crakers* utilizam seu tempo de forma egoísta e

se gabam dos seus feitos<sup>1</sup>.

Ser *hacker* vai muito além. Nesse sentido, Himanen (2001) define as principais características do *hacker*, como: paixão, liberdade, valor social, abertura, atividade, cuidado com o outro e criatividade. Pois, o *hacker* ao aprender ele ensina e ao ensinar ele aprende, sendo que o processo de aprendizagem sempre ocorre nos dois sentidos. O *hacker* não aprende somente para desenvolver um determinado ofício, aprende pelo puro e simples prazer de aprimorar-se e, ao fazê-lo, compartilha.

A paixão que move um hacker não está no fato de produzir um bem capital e, sim, produzir um bem para a sociedade, tendo como início um problema significativo. O seu trabalho não está direcionado a horários e sim na criação, na criatividade, que resultará num bem que auxiliará a si e aos outros. Este produto terá significado para quem o criou e para os que o reconhecem (HIMANEN, 2001). Assim, “é possível fazer quase tudo e ser um hacker. Há *hackers* carpinteiros. Não está necessariamente ligado à alta tecnologia. É preciso ter habilidade e gostar do que faz” (HIMANEM, 2001, p. 22).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade precisa de jovens que estejam engajados na construção de um novo contexto sócio. Assim, parte-se da premissa que tal devir deve ser apoiado no conhecimento acompanhado de reflexão, de ferramentas tecnológicas, utilizadas com ética, que tenha a perspectiva com fins para o valor social e não somente na produção de capital, ancorados na de liberdade e criatividade para produção completa, ou em partes de novos conhecimentos aplicados a comunidade.

A possibilidade de uma rota de fuga da dominação, construída pela sociedade de controle, passa pelo protagonismo espontâneo da juventude - neste caso participante do Projeto Jovem Hacker – de modo a fornecer conhecimento reflexivos, focado na ética hacker, para aflorar/desenvolver uma atitude emancipadora nos jovens participantes.

---

1 - Para maiores informações sobre a diferença de *hacker* e crackers veja a obra: *Ética, hacker e a educação* / Sérgio Ferreira do Amaral, Nelson De Luca Pretto (organizadores). – Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2009. Capítulo: Aprendendo com a Ética *Hacker*.

Tem-se a necessidade de formar jovens voltados para o valor social que tenham em seu trabalho o prazer de um artista, a criar algo novo ou dando uma novo olhar/sentido a algo já existente, sendo intercalados momentos de inspiração e, a partir daí, momentos de trabalho árduo, para a construção significativa, que pode ser um *software*, uma música, um desenho, ou qualquer outra atividade significativa para este jovem e que traga, em si, sua marca, sua assinatura, e vá além, podendo ser compartilhado com todos a sua criatividade.

Cabe destacar que hoje tem-se os valores voltados para as marcas e seu impacto no mercado. Assim, compreende-se a importância de conscientizar os jovens destes processos, de modo a propiciar que ele reflita sobre o que é criado, articulando a sua subjetividade e o que é influência do meio em que vive, possibilitando a ele a tomada de decisões, frente a sociedade de controle, permitindo que ele atue e se posicione, perante tal domínio.

Assim sendo, finaliza-se defendendo o ser criativo e original que usa os recursos capitalistas, de *marketing* e as tecnologias computacionais para fomentar sua subjetividade, dizer **não** ao consumismo, orientado pela ética hacker. Indo além, compreendendo a importância de valores tanto para si quanto para sua comunidade, libertando-se dos valores comerciais e marqueteiros. Tendo como ideal uma comunidade pautada no ser e não no ter.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbalho, A., & Casarini, L.. Jovens com idéia na cabeça e câmara na mão: Biopolítica e trabalho imaterial na produção audiovisual. **Cinética**. 2007. Disponível em: <[http://www.revistacinetica.com.br/cep/alexandre\\_barbalho.pdf](http://www.revistacinetica.com.br/cep/alexandre_barbalho.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

BLECHER, Nelson. A brasileira que construiu uma marca global. **Revista Exame**, 10 de julho de 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/871/noticias/a-brasileira-que-construiu-uma-marca-global-m0082920>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

CAMARGO, André Campos. **Félix Guattari: subjetividade, capitalismo e educação**. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2014.

COSTA, Rogério da. Sociedade de controle. **São Paulo Perspectiva**. vol.18, n.1, pp. 161-167. ISSN 1806-9452. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392004000100019>>. Acesso em: 2 mai. 2015.

DELEUZE, G. **Conversações**. Editora 34, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GACHARNÁ, F. I. G. El estigma Hacker, entre lo bueno y lo malo. **Revista Inventum**, n. 10, 2011. Disponível em: <<http://biblioteca.uniminuto.edu/ojs/index.php/Inventum/article/view/4/4>>. Acesso em: 2 mai. 2015.

HIMANEN, Pekka. **A ética dos Hacker e o espírito da era da informação**. São Paulo: Campus/Elsevier, 2001

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://http://cod.ibge.gov.br/2356T>>. Acesso em: 1 mai. 2015.

JOVEMHACKER – Jovem Hacker. Disponível em: <<http://jovemhacker.org/>>. Acesso em: 1 mai. 2015.

PORTUGAL, Mirela. Como as redes sociais renderam R\$ 100 milhões à Netshoes. **Revista Exame**, 29 de julho de 2006. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/como-as-redes-sociais-renderam-r-100-milhoes-a-netshoes>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

ROLNIK, S. Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. Corpo, arte e clínica. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais**. In: BEUREN, I. M. (Org.). Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2003.

UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Disponível em: <<http://unisal.br/cursos/mestrado-em-educacao/#sthash.wmNP5mp1.dpuf>>. Acesso